

Era loucura, mas loucura sublime.
Ninguém sabe o que sou quando rumino.
Machado de Assis

Mas quando o eu fala com o eu, quem é que fala?
Virginia Woolf

A via aberta para a loucura e a lucidez traz à tona o que Rodrigo S. M. disse em suas últimas deambulações pelo universo miserável de Macabéa: “descrever me cansa”. Seguir este louco sublime – ele é ela, Clarice Lispector – estimula o ruminar e o estado embrionário da escrita, que prescindem de descrição; que, no entanto, se tornam meios legítimos de narrar aquilo que precisa ser mantido em suspenso. Seria essa resistência o exercício fundamental para produzir ruído nas convenções utilitárias?

Conviver com loucura, sanidade e sublimação ao mesmo tempo foi o permitiu às artistas apagarem as referências e suspeitarem de um mundo que se pretende com imagens e enredos definitivos. Foi o que lhes permitiu entrar de maneira vertiginosa em personagens construídas com frases picotadas. Correram riscos. Por um lado, produziram imagens fugidias, que escapariam pela tangente ou seriam consumidas pelo tempo esvoaçante e corrosivo. Por outro, viram imagens embrionárias, surgidas do confronto entre o cotidiano e o inapreensível, serem esculpidas, apagadas e desenhadas por si mesmas...

o barro / toma a forma / que você quiser / você nem sabe /
estar fazendo apenas / o que o barro quer
Paulo Leminski

Os livros, pensou, aumentavam sozinhos.
Virginia Woolf

Eu só poderia escrever com a minha vida este livro.
Georges Bataille

Laura Gorski e Renata Cruz Dias úteis

Josué Mattos

Estavam entre a falta de vontade e a indecisão.
Virginia Woolf

Atentas às contradições geradas por cronogramas instaurados no interior de um sistema de controle do desejo, Laura Gorski e Renata Cruz propuseram o exercício de recortar e colar narrativas que desmontam convenções sobre o agir. O experimento que impulsionou as artistas ao trabalho de campo teve por base trechos de obras de Virginia Woolf, com tomadas de posição que suscitaram a produção de imagens e objetos performáticos. Buscaram acessar sempre mais intensamente o lugar do *inutensílio*, noção criada por Paulo Leminski para qualificar a linguagem poética. Tudo sem que o projeto *Dias úteis* descartasse o útil. Antes, ele o revisitou incessantemente, buscando qualificá-lo como fertilizador de gestos e reflexões capazes de reatar o elo entre o simbólico e o tangível. Daí o fato de o projeto *Dias úteis* ter fermentado tantas trocas e diálogos entrecruzados. Ao mesmo tempo, atuou como agente propositor de lugares para a habitação de singularidades confundidas. Com quem você é capaz de confundir seus próprios fantasmas? – parecem questionar com um silêncio vibrante. Das trocas de livros de anos atrás, iniciou-se o que recentemente elas definiram como o útil exercício da dobra, como uma prática geográfico-política e uma escavação do delírio alheio. É que o conjunto de trocas e diálogos acabou por indagar sobre o tipo de corpo necessário e possível para habitar desertos, espaços inundados ou campos minados. É como se questionassem algo de extrema simplicidade na formulação: como é que se constrói o desejo e de que maneira ele se coloca no mundo? Por isso, *dobrar* aplica-se, sobretudo, ao ato de agenciar ações e alternâncias de percursos traçados. Ambas parecem ter encarado o vencimento de certos processos que apontavam para a impraticabilidade de ocupações e transmissões previstas. Algo que as aproximaria da velha história *zen* que indica a inutilidade da transmissão de algo a alguém que já possui informações sobre o assunto; ou que torna inviável a transmissão a quem não se interesse pelo conteúdo transmitido, mesmo antes de conhecê-lo. Em *Dias úteis*, existe um pouco disso tudo nas alterações e reconfigurações do desconhecido. Ao final, acabaram por retratar o útil e o cotidiano, sem ter a transmitir o desinteressante ou o conhecido. Nada evidente para quem pretende comunicar. Por isso, fizeram com que a comunicação se tornasse a própria invenção e o contato com os agenciamentos que incitam o sujeito a construir o desejo e a linguagem.

*It was impossible to put this into words, and it was unnecessary.*¹
Virginia Woolf

O embate com o *impossível* e o *desnecessário* toca diretamente na elaboração da linguagem poética. Foi nesse lugar indefinido que as artistas ganharam em cumplicidade com cada etapa do processo que as trouxe a expor seus últimos dias úteis. O *impossível* passou a indicar os limites do sujeito em relação ao agir e o pensar, enquanto o *desnecessário* reconfiguraria a formulação das ordens do dia, aproximando-as daquilo que Leminski qualificou como “ditadura da utilidade”.

Ficha técnica Projeto gráfico: Reginaldo Pereira / Texto: Josué Mattos / Revisão: Regina Stocklen / Fotografia: Ding Musa, Flavia Mielnik, Maria Tuca Fanchin / Impressão fotográfica: Giclê FineArtPrint / Montagem: Vinicius Simões, Filipe Nunes / Gráfica: Cinelândia / Papel de parede: DMM Gráfica / Aplicação papel de parede: Angela Aparecida Campos, Manoel Gomes de Moura / Molduras: Jeferson dos Santos Lima

Agradecimentos Albano Afonso / Alessandra Duarte / Ana Lucia Mariz / André Balboni / Ateliê Fidalga / Bel Falleiros / Blau Projects / Carolina Faria / Equipe do Cultura Inglesa Festival / Espaço Celeste / Felipe Arruda / Flavia Mielnik / Guga Szabzon / Josué Mattos / Laerte Mello / Luzia Simons / Maria Ruth Barbieri / Mariana Cruz / Pedro Gorski / Reginaldo Pereira / Rita Calabrese / Roelf Cruz / Sandra Cinto / Sofia Tsirakis / Tatiana Dalla Bona / Valentina Soares / Virginia Woolf



20º Cultura Inglesa Festival
26.05 a 20.06 de 2016
Centro Brasileiro Britânico
Rua Ferreira de Araújo, 741, Pinheiros, São Paulo

1

“Era impossível colocar isso em palavras, e desnecessário.”

Este texto é feito para epígrafes. Começa e termina com elas. É intercalado por leituras de um conjunto de proposições de Laura Gorski e Renata Cruz sobre o histórico desentendimento no que diz respeito à prática de imbricar o agir e o ócio.

Há trezentos anos, pelo menos, a ditadura da utilidade é unha e carne com o lucrocentrismo de toda essa nossa civilização. E o princípio da utilidade corrompe todos os setores da vida, nos fazendo crer que a própria vida tem que dar lucro.

Paulo Leminski

A vida passou por cima dela como uma roda – a vida não era o que parecia ser.

Virginia Woolf

O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.

Fernando Pessoa

A corrosão provocada pela passagem do tempo funciona como um dos principais recursos poéticos da vida. Indica a instabilidade de narrativas e põe em xeque a natureza originária de formas e imagens. Incita o desprendimento e a redefinição constante de premências, sendo o mesmo fenômeno responsável por desenhar as fronteiras do visível e do invisível, da superfície e das profundezas, da pele e das entranhas. A rigor, enquanto a vida segue contabilizada de modo a perceber êxito e fracasso como antagonismos, o convívio com potência, ação, inventividade e reflexão geram imprevisíveis surtos e sustos. Na prática de concatenar um campo heterogêneo de agenciamentos, a lógica utilitária pode aparecer no mesmo grau de importância que inutilidades irracionais. A depender do modo como são experimentadas, sugerem um tipo de organização produtiva que compartimenta os momentos destinados ao deleite e reafirma a histórica situação na qual o corpo se encontra, sendo instrumento-instrumentalizado.

A questão é a seguinte: o que pode um corpo? De que afetos você é capaz? Experimente, mas é preciso muita prudência para experimentar. Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. Os poderes estabelecidos têm necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos.

Gilles Deleuze

Uma origem possível para a elaboração do calendário que contrapõe *dias úteis* e *dias de pausa* está no fato de o ócio ter se tornado uma espécie de bonificação em resposta à produtividade. Por isso, não é estranho que o labor seja comumente relacionado à frustração e angústia, enquanto a pausa é tanto recompensa quanto alternativa para a fabricação de entretenimentos estéreis ou anestésiantes. Se é verdade que somos escravos de um sistema, é preciso avaliar o grau de autoria colaborativa exercida sobre a dinâmica de demanda e oferta. É assunto recorrente o fato de o sistema estar pautado na lógica do consumo. Assim, ao revelar seus fantasmas, o consumidor recebe em troca uma série de falsas resoluções para os problemas antes revelados, os quais tendem a destituir-lhe a percepção que tem de seu próprio corpo. Em favor de uma máquina produtiva, o corpo desaparece junto com a consequente aniquilação do desejo. Eis que a proposta de um Corpo sem Órgãos perdura com grande valia, justamente por funcionar como alternativa à máquina que concebe o agir como adestramento e alienação. Resta atuar no corpo tendo conhecimento de sua estrutura *plurissensorial*, conforme indicou Hélio Oiticica; resta guardar sua estrutura utilitária para fins nos quais os órgãos do corpo não se transformem em instituições normalizadoras.

Que significava tudo isso? Até hoje ela não tinha a mínima ideia.

Virginia Woolf

Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito.

Pablo Neruda

Um livro aberto pendurado à parede cresce feito imagem orgânica. Reúne frases bilíngues retiradas de textos de Virginia Woolf e aponta para lugares entrecortados, traduzidos livremente, que desafiam o leitor a produzir, por sua vez, imagens livres. Não deixam de suspeitar de coisas feitas livremente... Ainda assim, são fabricantes de imagens. Contrapostas a elas está o trecho de *Ao farol*, no qual o desconhecido estanca a produção de imagens. Enquanto o livro de trechos intenta instalar significação no fluxo de frases e imagens livres, interroga quanto de liberdade existe em quem desconhece minimamente o que está a fazer e a desejar. Embora o não saber seja a base e o parceiro das notas e ações criadas em *Dias úteis* – as quais introduziram nos territórios do útil e do desconhecido a suspeita sobre a significação de gestos livres –, a alienação, o distanciamento da alteridade e do inexistente como potência criativa explicam a ausência de significados e a profusão de gestos estéreis, a despeito das aparentes conquistas de liberdade. Uma vez que este corpo-máquina se esvai junto com a incapacidade de conviver com o erro e a perda, quanto de liberdade será suficiente para sustentá-lo?

Abandonadas à própria sorte com essa coleção de textos imagéticos indicando certa perda de sentido do mundo, as artistas viveram enredos e cenas em que objetos domésticos cumpriam a função de produzir imagens-síntese, tratando, simultaneamente, o encontro, o desaparecimento, o afeto, o fascínio e a ausência. O irreal refratado redesenhou ambientações improváveis: uma cama para duas pessoas à beira-mar; uma banheira com um límpido líquido preto; um cômodo coberto de papel de parede, originário de uma capa de livro; livros que sustentam duas cadeiras vazias; assentos livres sobre livros...

A cama, submersa em partes, foi instalada de modo a tornar possível o contato com a linha do horizonte, lá onde as duas personagens afundam os pedaços de corpos que trouxeram para aquele lugar; outros se perderam pelo caminho. Há equanimidade e espera conjugadas no simples gesto de afundar o olhar na linha do horizonte. A banheira cumpre a condição de continente e preserva um líquido-sombra. Seria “a sombra de Deus”, conforme indicou Alejandro Jodorowsky em *A dança da realidade*? A banheira é o local do banho purificador e iniciático. Lá, onde o corpo se apaga, surge também a possibilidade de pausa do estalar de dedos inquietos e interesseiros. Na instalação, somos vistos pela imagem de duas pessoas que não concorrem entre si. São raras e, portanto, merecem espaço neste jogo de valores e morais obsoletos, sobre o qual trafegamos cotidianamente. Nisso tudo, as artistas fornecem, juntamente com Virginia Woolf, uma via de mão dupla, na qual circulam livremente a lucidez e a loucura. Despidas, deixam de lado identidades históricas e tornam-se a própria investigação sobre ser narrador e personagem, ao mesmo tempo. Por meio de um campo construído sobre inoperâncias voluntárias, travam contato com assuntos como as distintas capacidades de se fazer presente. Tratam o corpo como campo perceptivo, portador de mortes paulatinas e escolhas que se imprimem na superfície da pele. À utilidade, atribuem a ambígua condição de potência, riso, deleite ou escravidão. O apagamento torna-se tática para a rememoração, enquanto o exercício da apropriação incorpora um estado mental que risca contornos e abre caminhos para leituras inusitadas da história. Por isso, a narrativa indireta livre faz com que cada gesto, escrita e ato instalativo seja imbuído de uma figura atuante em primeira e terceira pessoas, simultaneamente. Elas parecem questionar quanto a sanidade permeia a superfície de qualquer evento banal e, ao desaparecer, dá lugar às profundezas do sujeito, delirantes e repletas de interrogações.